

Desafios da Educação de Meninos e Meninas.

Autores: Guilherme Becker

Luiza Maioli Raddatz

Professora Orientadora: Maria Regina F. da Costa

Professora Supervisora: Thayana Ribeiro

- Participamos do Projeto II - Gênero e Sexualidade do PIBID desde março de 2017;
- Escola Municipal Sônia Maria Coimbra Kenski, localizada no bairro de Santa Felicidade - Curitiba/PR;
- Atuamos em turmas desde pré-escolar até o 5º ano (4 a 11 anos salvo exceções).

- Através das intervenções realizadas na escola, pudemos observar como são fortes os estereótipos em relação a dualidade de *gênero, determinado e aprendido culturalmente do que é ser — “menina” e “menino”, e como isso influencia na participação e na vivência escolar dos alunos.

* “O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à idéia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos.”

(Jane Felipe de Souza - 1999)

Objetivo:

Repensar as práticas docentes para que a Escola torne-se uma ferramenta emancipatória para **MENINOS E MENINAS**, impedindo que as diferenças biológicas sejam transformadas em desigualdades sociais.

Metodologia:

1. Após algumas intervenções na Escola analisamos o quanto os estereótipos de gênero estavam presentes nas situações cotidianas escolares e como influenciam as crianças;
2. Além das observações realizadas na escola, participamos dos planejamentos das aulas e debates com os demais acadêmicos integrantes do projeto II - Gênero e sexualidade do Pibid;
3. A Partir de então, nos propusemos a entender os processos pelos quais os estereótipos se criaram e vem se reproduzindo ao longo da história em nossa sociedade.





Análise:

Historicamente a instituição Escola apresenta um caráter diferenciador, excludente e opressor, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização.

“ A escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, das meninos e das meninas”

(LOURO, 1977,p.58)

Análise:

As questões referentes à sexualidade e gênero queiramos ou não admitir estão presentes na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, das práticas corporais, estão presentes nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nas falas e atitudes das professoras e professores.

A Educação Física mostra-se um palco privilegiado para manifestações em relação ao gênero das crianças. Ainda que a questão esteja em todos os espaços escolares, ela se torna particularmente explícita numa área que está voltada para práticas corporais e o domínio do corpo, corpo esse que é a expressão máxima da existência do sujeito.

Considerações Finais:

Como docente é preciso estar em constante observação e debate quanto a natureza das práticas oferecidas aos alunos e alunas, possibilitando quebra de paradigmas sobre estereótipos não apenas de gênero, mas também de classe social, raças/etnias e demais diferenças culturais.

Cuidar da metodologia e linguagem utilizada no ambiente escolar, planejamento das aulas, atentar-se as relações entre meninos e meninas para que os estereótipos não inviabilizem a apropriação das práticas corporais e demais conhecimentos.

Referências Bibliográficas:

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. In: 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999, Caxambu - MG. Anais da 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999. p. 235.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. v. 1. 184p .

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições (Unicamp), v. 19 (2), p. 17-23, 2008.